

Este número da Revista do IEB vem a público como o primeiro editado pela nova Comissão Editorial, à frente do periódico a partir do segundo semestre de 2015. Na história de nossa Revista, todas as comissões assumiram e cumpriram a missão de manter o rigor e a qualidade que a notabilizaram em sua longa trajetória. Sabemos que são árduos os desafios para nos mantermos nos trilhos de sempre e nos novos que surgem, resultantes de novas políticas e práticas da produção e da divulgação científica, as quais afetam diretamente a administração das revistas universitárias.

Os critérios para que as revistas acadêmicas recebam conceitos avaliativos elevados obrigam a uma gestão administrativa e editorial profissional. Exigem que os periódicos se relacionem ativamente e efetivamente com a comunidade científica apresentando-se como um espaço importante de extroversão de pesquisas, de ideias, de discussões; como veículo de difusão do saber que não falhe em sua periodicidade, quantidade ideal e proporcionalidade das colaborações etc. Nada disso é simples na atual conjuntura, como sabemos.

No caso da Revista do IEB, seu caráter multidisciplinar demanda uma gestão editorial ainda mais complexa e sofisticada. Somos avaliados por diversas áreas do saber como Antropologia/Arqueologia; Arquitetura e Urbanismo; Artes e Música; Ciência Política e Relações Internacionais; Economia; Educação; Filosofia; Letras/Linguística; História; Geografia. Por essa razão, e diferentemente das revistas especializadas (disciplinares), precisamos ter sob controle um expressivo rol de critérios específicos de diferentes campos do saber, para garantir avaliações positivas das áreas que tradicionalmente encontram guarida em nossa Revista. Isso não é fácil e nem sempre é bem compreendido. Resistimos, convictos da importância das revistas que arriscam ser espaço de uma exposição de pesquisas originárias de diversas áreas nas humanidades. E que estimulam a produção de tramas multidisciplinares, que nos parecem imprescindíveis para ampliarmos os limites do conhecimento.

Um exemplo do que a Revista do IEB propõe e executa em sua política editorial é o que estamos lançando nesse número. Contando com a honrosa colaboração das professoras Wilma de Nazaré Coelho (IFCH/UFGA) e Mônica G. T. do Amaral (FE-USP), difundimos dossiê temático de grande importância para os debates sociais e culturais do Brasil e especialmente para o campo da educação básica do país. Trata-se do *Dossiê História e Culturas Afro-brasileiras* que nossas colegas produziram e coordenaram com grande competência, contando com a preciosa colaboração do Prof. Walter Garcia, pertencente à Comissão Editorial anterior. A relevância da matéria

agora reunida pode ser atestada, de início, pela apresentação esclarecedora que as coordenadoras elaboraram. Sublinhamos a diversidade de abordagens nos artigos de grande potencial crítico, provenientes de tantas partes do país.

Este número coloca em evidência os 70 anos da morte do polígrafo modernista Mário de Andrade (1893-1945). A capa e o corpo da Revista divulgam matéria iconográfica de seu arquivo pessoal, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. As imagens testemunham os caminhos do estudioso da cultura popular, buscando, em 1937, “recensar o que resta de essencialmente negro no samba rural dos negros paulistas”, como afirma em “O samba rural paulista” (Aspectos da música brasileira), texto precursor da etnomusicologia brasileira. Ao tomar essas fotos como registro da festa e da “cultura”, destacamos o espaço no qual vicejam o pensamento, a política, as composições alternativas do real que, não raramente, enredam as mais diversas forças – naturais, sociais, sobrenaturais (para ainda nos referirmos a esses supostos domínios, como se fossem autônomos ou exteriores entre si). Política e festa se engendram, se implicam, se potencializam mutuamente. Assim, nosso convite é por deitar olhos na realidade emaranhada, e não purificada em cantões.

As seções fixas da Revista, “Resenha” e “Documentação”, presentificam igualmente o autor de Macunaíma. Cristiane Rodrigues de Souza mergulha nos complexos meandros da criação de *Café*, ficção inacabada de Mário de Andrade, cuja edição, preparada com admirável acuidade por Tatiana Longo Figueiredo, veio a lume em 2015. A organizadora da obra, membro da Equipe *Mário de Andrade* no IEB-USP, retomando as questões de sua tese de doutorado, orientada pela professora Telê Ancona Lopez, apresenta matéria inédita vinculada à elaboração do romance, à luz de substanciosas considerações interpretativas. Assim, o leitor, em face de manuscritos tocados pela dimensão estética, pode conhecer facetas do processo criativo do autor homenageado neste número.

A inquietude intelectual de Mário de Andrade e o seu modo de ver criticamente a realidade nacional encontram-se, portanto, em boa sintonia com as oportunas discussões sócio-culturais levantadas no *Dossiê História e Culturas Afro-brasileiras*.

Jaime Tadeu Oliva, Marcos Antonio de Moraes e Stelio Marras  
*Editores*<sup>1</sup>

DOI: 10.11606/issn.2316-901X.voi62p15-16

---

1 Docentes e pesquisadores do Instituto de Estudos Brasileiros - USP.